

A MAGIA DO COTIDIANO E SEUS MISTÉRIOS

A magia do desconhecido fascina-nos! O universo esconde uma série de segredos que gostaríamos de decifrar. Sonhamos encontrar respostas para muitos enigmas; sonhamos sonhos impossíveis escondidos nas profundezas dos abismos do nosso ser. Gostaríamos de possuir a Sabedoria para entender o sofrimento dos fracos e a dor dos miseráveis de nossa sociedade. O sofrimento dos marginalizados é um desafio para entender a ação divina no nosso mundo que se faz chamar de mundo pós-moderno, mundo da comunicação e da técnica.

Olhando para dentro de nós mesmos, descobrimos tantos mistérios escondidos. A pessoa humana é um mistério a decifrar-se no correr de sua história. Observando o céu, a lua, o mar, o vento temos desejo de possuir o segredo da linguagem poética e musical para poder transmitir a todos os sonhos de um Homem que, na sua humanidade, revelou a Transcendência e potencialidade do cotidiano. A luz do dia e as trevas da noite sucedem-se, as flores nascem e morrem seguindo as leis cósmicas das estações. As mulheres e os homens sonham acordados, deixando escapar a beleza do real cotidiano que pode ser divino e transformador.

Essa situação do mistério sempre fascinou os cristãos como se constata na interpretação alegórica das Escrituras, na visão mística da vida humana interpretada por São João da Cruz e Teresa D'Ávila. É pensando nesses mistérios e desafios, que apresentamos uma série de reflexões, tendo como base o "MISTÉRIO" na 1ª Carta de Paulo aos Coríntios como ponto de partida.

1. MYSTERION NA 1ª CARTA AOS CORÍNTIOS 2,7-9 NO SEU CONTEXTO DE 1,3 A 3,2

1.1. Introdução

As cartas paulinas não são escritas ocasionais, mas precisam ser analisadas dentro do seu *contexto* e *pretexto* que leva-

ram Paulo a escrevê-las. Sabemos também que não são tratados sistemáticos de teologia, mas tentativas de resposta às situações concretas. Ao responder a certas situações, as colocações de Paulo se destinam a todos que crêem em Jesus Cristo.

Por isso, é muito importante conhecer o *contexto* e o *pre-texto* de tais epístolas que, embora não sejam um tratado sistemático, abordam temas que revelam a mensagem central de Paulo. Dirigida a pessoas de auditórios diferentes e em ocasiões diversas, percebe-se que o tema central é *Jesus Cristo Morto e Ressuscitado*.

Analisando o MYSTERION na carta aos Coríntios devemos pois, levar em conta o contexto real de tal mensagem, o pretexto que levou Paulo a se dirigir a tais pessoas e, principalmente, procurar refletir e entender melhor a mensagem cristã sobre o conteúdo e extensão do Mistério de Deus¹.

Pretendemos oferecer pistas de reflexão para se compreender sapiencialmente a validade do conceito sobre o Mistério de Deus e ver como os mistérios cristãos ou sacramentos devem ser atualizados em nossas comunidades. Nossa leitura hermenêutica tem como base uma fundamentação para se aplicar hoje o conceito vivencial do que sejam os sacramentos cristãos, principalmente o batismo e a eucaristia.

1. BORNKAMM., *Mysterion*.
Em GLNT vol. VII, pp. 645-716.

1.2. Contexto

Paulo evangelizou Corinto durante mais de 18 meses (At 18,1-18), do fim dos anos 50 até meados de 52. Corinto, reconstruída por César, tornara-se a capital da província romana da Acaia. Era assim um grande centro, porto famoso e muito habitado e irradiava seus costumes e comércio por toda a região. Predominava aí o elemento romano — latino e grego — mas o comércio atraía uma enorme população cosmopolita. Como qualquer cidade grande, Corinto tinha péssima reputação pela licenciosidade dos seus costumes.

Paulo se estabeleceu aí, sobretudo nas camadas mais modestas da população (1Cor 1,26-28) e fundou uma comunidade cristã florescente. Havia, porém, uma divisão na comunidade por causa do enfoque errado que se começou a dar ao cristianismo.

Por ser um centro de cultura grega, diversas correntes de pensamento e de religião começaram a influenciar a visão sobre Jesus Cristo, sua mensagem, sua práxis e sua doutrina. Esse contato da experiência da fé cristã com essa capital do paganismo suscitou para os neófitos uma série de problemas.

Paulo escreveu a carta aos Coríntios por volta da Páscoa de 57 (1Cor 5,7s; 16,5-9 comparado com At 19,21). Algumas ques-

tões trazidas por uma delegação de coríntios (1Cor 16,17), somadas às informações passadas por meio de Apolo (At 18,27s; 1Cor 16,12) e da família de Cloé (1Cor 1,11) fizeram Paulo escrever esta carta.

Pouco depois, deve ter surgido uma crise em Corinto que o obrigou a fazer lá uma rápida e amarga visita (2Cor 1,23:2,1:12,14:13,1-2). Nessa visita, ele prometeu voltar em breve para ficar mais tempo (2Cor 1,15-16). Esse seu desejo foi substituído por uma outra carta mais severa e escrita “entre lágrimas” (2Cor 7,8-13). Parece que sua autoridade foi ultrajada na pessoa de um de seus representantes (2Cor 2,5-1; 7,12)².

A primeira carta aos Coríntios revela o interior de Paulo, seu relacionamento com os convertidos e traz informações e decisões concernentes a diversos problemas do cristianismo primitivo, tanto em sua vida interior: pureza dos costumes (1Cor 5,1-13; 6,12-20), matrimônio e virgindade (7,1-40), a ordem nas assembleias religiosas e celebrações da eucaristia (11-12), o uso dos carismas (12,1-14,40); como em seu relacionamento com o mundo dos pagãos: apelo aos tribunais (6,1-11) carnes oferecidas aos ídolos (8,1-13)³.

Paulo aproveita as simples questões de liturgia como ocasiões para mensagens profundas sobre o sentido da verdadeira liberdade cristã, a santificação do corpo, o primado da caridade, a união com Cristo. A visão escatológica está sempre presente e fundamenta toda a exposição sobre a ressurreição da carne (1Cor 15)⁴.

As descrições apocalípticas de 1Ts e 2Ts deram lugar a uma discussão mais racional que justifica uma esperança tão difícil para os espíritos gregos. O desejo de adaptar o Evangelho à mentalidade do mundo novo que ele penetra, aparece bem claro na oposição da loucura da cruz — sabedoria dos gregos. Para muitos gregos convertidos, o cristianismo parecia se confundir com uma simples corrente filosófica como tantas outras que existiam (1,10-13). Os mestres humanos com seus talentos e suas teorias sobre o “modus vivendi” não podem se confundir com o único mestre verdadeiro, Jesus Cristo, com sua mensagem, sua salvação pela cruz, que é a verdadeira Sabedoria (1Cor 1,10;4,13)⁵.

O pretexto da carta é a oposição entre a Sabedoria Divina que se contrapõe à sabedoria humana. A Sabedoria Divina quer salvar os homens e mulheres por meio da loucura da Cruz⁶.

1.3. Terminologia do mistério

Encontramos em 1Cor 2,1s, a razão da missão apostólica. Paulo anuncia o mistério de Deus (μυστήριον) ou o testemu-

2. B. RIGAUX, *Saint Paul et ses lettres*. Paris-Bruges, Desclée de Brouwer, pp. 99-157..

3. M. QUESNEL, *As epístolas aos Coríntios*. São Paulo, Paulinas, 1983, pp. 18-27.

4. Ph. SEIDENSTCKER, *Paulus, der verfolgte Apostel Jesu Christi*. (Stuttgarter Bibel Studien 8). Stuttgart, 1965, pp. 54-102.

5. M. QUESNEL, op. cit., pp. 27-35.

6. *Ibidem*, pp. 30-33.

nho de Deus (μαρτύριον). Nesse versículo, encontramos assim uma terminologia direta sobre o Mistério. Mistério de Deus que se centraliza em Jesus Cristo crucificado⁷.

Através da terminologia conexa, encontramos algumas características dessa Sabedoria. Ela é misteriosa e oculta (2,7). Gratuita e fruto de eleição divina. Ela é eterna (2,27). Ela foi revelada e comunicada (2,9-11), é objeto da pregação (1,26-28; 2,1-5)⁸.

1.4. Conteúdo do mistério

Qual seria o conteúdo do Mistério de Deus?

O Mistério de Deus é a Sabedoria de Deus. As profundezas de Deus, a loucura da Cruz, os dons que Deus nos deu.

1.4.1. Sabedoria de Deus (σωφια τοῦ Θεοῦ) 2,6-10

O sentido geral dessa sabedoria é o plano como desígnio de Deus que é misterioso e oculto que se contrapõe à ciência e à sabedoria humanas. O modo de Deus agir na história nem sempre corresponde aos modos humanos de articular a vida, fundamentando-se em critérios econômicos, em forças sociais que nem sempre dão espaços para os pequenos e menos favorecidos.

Por isso, os príncipes desse mundo (ἄρχοντες, 2,8) não aceitam e tentam solapar as forças divinas. Mas quem seriam esses príncipes desse mundo? Entre eles estão Pilatos, os sumo-sacerdotes, as potências demoníacas, os que se enchem de sabedoria humana, os auto-suficientes, os poderosos que colocam suas forças no poder econômico, nas estruturas do pseudo-saber.

Para receber essa Sabedoria Divina é necessária a sua comunicação pela fé (2,10). Fé como experiência de Deus, um Deus que se comunica a todos que se abrem para a transcendência⁹.

Os destinatários dessa revelação do Mistério é Paulo (1,1-2 e 2,1-2), são todos os fiéis (1,30-31), os homens espirituais (πνευματικοί, 3,1-2). Espirituais não são os alienados mas os que se deixam guiar pela Ruah de IHAWEH (Cf. 1Cor 13,9-11; Col 1,9; Col 2,2).

1.4.2. As profundezas de Deus (βαθνη τοῦ Θεοῦ, 2,10)

Que seriam essas profundezas de Deus?

Essa expressão, profundezas de Deus, é uma formulação gnóstica que significa abismo incompreensível. São as coisas íntimas e pessoais de Deus que só o Espírito de Deus conhece (1Cor 2,7; Cf. Is 29,14: 64,3 e Jer 3,16).

Trata-se da grandeza do Plano de Deus no desejo de salvar todos os que crêem por meio da loucura da Cruz. É um modo incom-

7. BORNKAMM, op. cit, pp. 706-708.

8. VAGAGGINI C., *Il senso teologico della liturgia*. Saggio di liturgia teologica generale. 4ª ed. Paoline, 1965. O próprio Vagaggini resumiu de maneira magistral no seu discurso inaugural para o Pontifício Instituto Litúrgico: *Liturgia e pensiero teologico recente*. Roma, 1961. Para compreender o conjunto do pensamento de C. VAGAGGINI, cf. LOEHRER M., *Il modello gnostico-sapientziale della teologia*. La prospettiva di base della metodologia teologica di C. Vagaggini. Em *Lex Orandi — Lex credendi*. Sacramentum 6, (Studia Anselmiana 79), Roma, 1980, pp. 19-47.

9. LOHERER, op. cit., pp. 19-47.

preensível do agir de Deus que parece ser loucura para os olhos humanos. O ser humano sempre depende de Deus e do seu modo desconcertante de agir na história. Existem leis unitárias na história da humanidade. Para conhecer a Deus é preciso abrir-se ao Espírito e discernir os seus sinais nas estruturas históricas. é a sintonia que vem de um contato pessoal com esse Deus através de seu Espírito. O conhecimento sapiencial ultrapassa e transcende o homem. Homens espirituais (πνευματικοί) são aqueles que se deixam guiar pelo Espírito de Deus e por isso entendem o ser e o agir de Deus através de seus sinais, símbolos e sacramentos.

Por isso, percebe-se a necessidade da união íntima com Deus para suportar, decifrar e descodificar as realidades humanas. A experiência de Deus, nas suas mais variadas formas, é uma necessidade do homem moderno e um apelo que se faz mais presente nos sinais de hoje. Os sacramentos-sinais, são encontros pessoais com Deus para se conhecer, amar e viver o Mistério de Deus, revelado e oculto. Eis o segredo da vida, o grande Mistério, o Sacramento que fascina todos os seres humanos. Aqui está a Sabedoria, o verdadeiro sabor de viver, decifrando, usufruindo o Deus presente no mundo. Essa experiência não é algo puramente racional, mas envolve o ser humano como a brisa nos envolve. É deixar-se levar pela magia do Mistério, pelo sabor dos fatos, pela energia das pessoas e pelas forças do cosmo que se manifestam no universo da vida¹⁰.

10. G. BARBAGLIO, *1-2 Coríntios*. (Pequeno comentário bíblico — N.T.). São Paulo, Paulinas, 1993, pp. 40-44.

1.4.3. *A loucura da Cruz — 1,18-25*

A magia do sofrimento, a decepção dos fracassos, a sensação da limitação estão batendo no coração do homem pós-moderno. O paradoxo da frustração é alvo de estudos de sociólogos, psicólogos e cientistas da política e da economia. Vivemos a crise de uma propalada cultura do desenvolvimento, da técnica e do progresso econômico e, por outro lado, a experiência, o conhecimento das misérias e absurdos da humanidade.

Paulo desenvolve a temática da Loucura da Cruz em 1Cor 1,17-31 e 2,1-8. O núcleo da salvação dos homens vem por meio do Cristo-Crucificado, loucura para os homens e Sabedoria para Deus. A teologia da Cruz, o paradoxo do fracasso, a experiência da frustração é o auge da Revelação. Jesus Cristo Crucificado é a chave de leitura para se conhecer as profundezas de Deus. Por isso, a importância da fé como experiência pessoal de Deus que vem ajudar a iluminar os segredos e os mistérios da vida humana. A Luz que ilumina a História é vivenciar a experiência da cruz. Não se trata de algo destrutivo e negativo mas a sensação amarga de sentir em si e na humanidade os sinais da limitação e da finitude.

1.4.4. Os dons de Deus (χαρισθέντα τοῦ Θεοῦ, 2,12)

A graça de Deus é o Dom em sentido geral que aparece em toda a criação. Nosso Deus é um Dom em si mesmo que se faz presente em Jesus Cristo. A gratuidade é um tema tão carente ao homem pós-moderno. Vivemos numa sociedade de egoísmos e de cobranças em todas as escalas.

Paulo em 2,12 nos diz: “*Quanto a nós, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus. A fim de que conheçamos os dons da graça de Deus*”. Toda a criação — uma graça de Deus que se manifesta na Palavra (1,5) e na ciência (1,5).

A habitação do Espírito de Deus (2,12-13) faz do ser humano uma Nova Criatura que vem revestida do Espírito Santo (2Cor 5,17-18). O ser humano passa a ser um dom de Deus em si mesmo, revelando pela sua existência, uma nova maneira de viver e de agir. Essa união íntima com Cristo e em Cristo (1,9) é uma *koinonia*, comunhão íntima e profunda que faz do ser humano um potencial da própria divindade. A comunhão tem, em seu fundamento, a posse comum por diversas pessoas, seja de realidades espirituais, seja de realidades materiais. Entre os cristãos, os bens materiais nunca ocorrem sem os bens espirituais (Rm 15,26-27; 2Cor 8,4; 9,13; Gl 6,6; Fl 4,15-17). Por vezes, existe participação em ações ou em sentimentos (2Cor 1,7; 6,14; 1Tm 5,22; 2Jo 11; Ap 1,9). A comunhão que dá origem a todas as outras se dá em bens propriamente divinos (1Cor 9,23; Fl 1,5; Fl 6). Ela nos une ao Pai e a seu Filho Jesus Cristo (1Cor 1,9; Fl 3,10) e ao Espírito (2Cor 13,13; Fl 2,1). Uma vez que Jesus teve comunhão com a natureza humana (Hb 2,14), nós temos comunhão com a natureza Divina (2Ped 1,4)¹¹.

11. Ibidem, pp. 79-88.

1.4.5. *Koinonia* e a vida batismal

Koinonia, como comunhão e participação do ser humano em Cristo e com Cristo, tornou-se palavra chave da comunidade cristã (At 2,42). É a síntese de todo o processo soteriológico desenvolvido por Paulo. É a cristificação do ser humano como um processo de identificação. Essa comunhão começa na realidade do hoje e terá sua consumação na vida escatológica. A *koinonia* possui dimensões da mesma realidade. Ser em Cristo é participar da comunidade divina, é comungar com a comunidade humana, dando sentido à sua integridade plena como pessoa, vivendo e dando sentido às realidades cósmicas. Estar em Cristo (1,9) é viver a santificação, a justificação, a redenção, a salvação, a glória presente (θεῖα, 1,32) e futura (συνουσις, Rm 8,15-18; 8,29-30).

Essa *koinonia* se realiza pelo sacramento do batismo como inserção nesse processo, pela fé como adesão livre e consciente e na eucaristia como celebração da vida comum¹².

12. J. FITZMYER, *Linhas fundamentais da teologia paulina*. São Paulo, Paulinas, 1970, pp. 116-120.

1.4.6. *Koinonia e batismo*

Em 1Cor 15,20-29, Paulo coloca Cristo como o Novo Adão. Conforme sua visão cósmica, Cristo é o centro do universo. Nele se realiza todo o processo de transformação do universo. Jesus Cristo é o centro do anúncio. Ele tem sentido enquanto um ser de relação com as pessoas. Ele é o Novo Adão em sentido social e coletivo. Sua Ressurreição faz parte dos dons de Deus. É a garantia e a certeza de nossa restauração.

Através do sacramento do batismo, os cristãos participam da morte e ressurreição de Cristo. A salvação tem assim um aspecto universal e cósmico. Ser em Cristo e com Cristo é viver a Ressurreição como uma passagem contínua, um processo de morte e vida, uma luta para vencer nossas limitações.

1.4.7. *O mistério e a palavra*

A Palavra é a explicitação do Mistério. É o anúncio do Mistério como apelo existencial que provoca uma crise na comunidade e exige uma decisão contínua. A Palavra é a complementação do sinal-símbolo, verbalizando e atualizando os desígnios de Deus. A Palavra não se manifesta apenas nas tradições cristalizadas como aparece nas Sagradas Escrituras. É preciso estar atento à linguagem cósmica do universo e à atualização da experiência de fé de Israel. É preciso escutar e analisar as palavras do Jesus histórico e as experiências de fé dos cristãos nos sinais sensíveis do Cristo Ressuscitado na comunidade. É ainda importante e capital estar atento à Palavra que está nas comunidades, nas culturas e nos fatos e símbolos de hoje. O apelo da Palavra se faz presente hoje numa série de experiências e manifestações¹³.

13. G. EICHHOLZ, *La teologia di Paolo. Le grandi linee*. Bologna, Queriniana, 1971, pp. 41-47.

1.4.8. *A habitação do Espírito Santo*

Em 1Cor 2,12-13, Paulo nos fala da habitação do Espírito Santo. Esse texto vem explicado por 1Cor 3,16-17; 6,19 e 2Cor 6,14-7,1.

Ser Templo de Deus (1Cor 3,16-17) é um modo realístico e cultural para expressar a Presença de Deus que torna sagrada, santa a Pessoa. A comunidade cristã, corpo de Cristo (12,12) é o verdadeiro Templo da Nova Aliança. O Espírito que nela habita, realiza o que prefigurava o Templo, lugar onde habitava a glória de Deus (1Rs 8,10. Cf. também Jo 2,21; Ap 21,22 e 1Cor 6,19 e 2Cor 6,16).

Ser Presença de Deus (1Cor 6,19) é pertencer, ser possuído por Cristo. O Corpo humano é assim presença do Sagrado, é

posse de Deus. As pessoas humanas são assim sacramento do próprio Deus em todas suas formas culturais, sem privilegiar nenhuma raça ou cultura em menosprezo de outras. O ser humano é assim a presença de Deus no universo.

Em 2Cor 6,14-7,1, Paulo nos fala do Templo, evocando o **Templo de Jerusalém onde se tem a presença do Sagrado que sacraliza e santifica o corpo**. A habitação do Espírito Santo provoca-desenvolve uma nova Criatura, valorizando e santificando o ser humano.

Nova Criatura é uma mudança radical e total da pessoa. É uma expressão simbólica que exprime a nova ordem dos seres na realidade do Mistério de Deus que revela a realidade oculta da vida e dá sentido a todas as culturas e expressões populares¹⁴.

1.4.9. O mistério e o batismo

Paulo não desenvolve explicitamente o tema mistério e batismo, mas existe a perspectiva desse tema porque os dons de Deus (*χαρισματα του Θεου*) são dados no batismo: ser em Cristo é ser de Cristo.

Em 1Cor 1,12-14, Paulo ensina que batizar em nome de Cristo se faz através do batismo. Por esse sinal-sacramento, as pessoas recebem uma nova identificação, participam do Mistério de Cristo, tendo uma maneira nova de ser e de agir na sociedade.

Em 1Cor 6,11, temos a alusão clara ao batismo como condição para participar do Mistério de Cristo aludindo ainda ao aspecto trinitário desse sacramento.

Em 1Cor 1,30, Paulo mostra que o fundamento dessa realidade é o batismo que nos justifica, santifica e redime.

1.4.10. O mistério e a eucaristia

A eucaristia faz parte do conteúdo do Mistério pois através da *koinonia* na fé, na paixão, na glória e na vida comum, os cristãos participam da vida de Cristo.

A *koinonia*, como vida comum que se celebra na eucaristia, é um dos dons de Deus.

Em 1 Cor 1,9, a *koinonia* com Cristo é um sonho e realidade de participação do Mistério de Cristo como consequência da comunhão com Deus e os irmãos. A comunhão com Cristo exige necessariamente a participação e comunhão com os irmãos¹⁵.

2. A MAGIA DO COTIDIANO

Fundamentado nessas reflexões paulinas sobre o Mistério de Deus, e conseqüentemente de Cristo, apresento algumas conclusões e intuições sobre a magia do cotidiano.

14. E. FUCHS, *Cristus und der Geist bei Paulus*. Leipzig 1932; N. Q. HAMILTON, *The Holy Spirit and Eschatology in Paul*. Edimburgo, 1957; I. HERMANN, *Kyrios und Pneuma*. Munique, 1961; R. B. HOYLE, *The Holy Spirit in St. Paul*, London, 1927; K. STADLER, *Das Werk des Geistes in der Heiligung bei Paulus*, Berna, 1962.

15. J. FITZMYER, op. cit., pp. 120-129.132.

2.1. A presença de Cristo muda a História

O MISTÉRIO de Deus, a maneira como Deus se faz conhecer aos homens, tem seu ápice em Jesus Cristo morto e ressuscitado. A presença de Cristo ressuscitado continua hoje na história, na magia do cotidiano, convocando as pessoas a fazerem *koinonia* com Cristo e através d'Ele com Deus e com todos os seres humanos. Eis aqui a Sabedoria Divina, as Profundezas de Deus, o Grande Mistério e Segredo.

Conhecer esse Mistério é possuir a chave de leitura do cotidiano. Nada acontece por acaso no universo. Os fatos da vida, a realidade do dia a dia são luz e ocasião para entender e amar a ambigüidade e “paradoxidade” da vida. O modo de Deus fazer-se conhecer, revela o seu amor que se faz na doação contínua, chegando até à loucura da morte pelos homens. A vida é gratuidade, o amor é a força dinâmica que transcende as aparências humanas, a banalidade e trivialidade da vida. Cada gesto humano pode ser fonte de energia se for uma participação desse mistério de doação e de amor. O rito do cotidiano merece ser usufruído e vivido intensamente.

O homem moderno e pós-moderno vive no ciclo da ansiedade. Ele vive ou recordando o seu passado, lamentando-o ou se punindo, ou vive o amanhã, preocupando-se com os resultados que lhe são exigidos. Para cada dia basta sua preocupação. Viver intensamente o momento presente, usufruindo a dinâmica do Amor, é uma grande Sabedoria.

A manifestação de Deus na história acontece através de sinais concretos do universo. É nos fatos da vida diária que se dá a Maravilha do viver. O Mistério de Deus é uma realidade visível e invisível, oculta aos que são cegos pelas preocupações, e revelado aos que têm fé e acreditam além do bom senso e do trivial.

Eis o grande desafio! Acreditar quando as aparências querem dizer o contrário. É sonhar a utopia que Jesus quis realizar com uma *koinonia* entre os seres humanos, descobrindo na natureza a beleza e a força do viver. Para essa mística mágica não bastam os raciocínios lógicos, as leis jurídicas, as soluções acadêmicas e brilhantes. É preciso deixar-se guiar pelo Espírito de Deus que nos lança no paradoxo do impossível. Os fatos da vida têm de ser vividos e experimentados à luz do Mistério de Deus.

O nascer de um ser humano não é algo rotineiro e banal. O Mistério da Vida se faz presente e nos convoca a meditar sobre a nossa realidade. Nosso Deus é o Deus da vida e não o da morte. Por isso, para nós que cremos, o batismo é um anúncio de que nosso Deus quer a Vida e não pode aceitar as forças da morte que estão presentes em nossa sociedade. A água do batismo é um sinal que purifica as mentalidades egoísticas que

defendem a morte, as trevas da miséria econômica, a alienação política e domínio terrível do sagrado. A água do batismo purifica e nos faz participar de uma nova comunidade que tem como meta a vida, a mensagem, a práxis, a morte e a ressurreição em Jesus.

O batismo dá uma nova visão da vida, colocando-nos na realidade divina. O nascer não é simples ato biológico, mas revela o mistério da divindade e da humanidade. Convoca-nos a uma cruzada em favor da vida, vida na sua integridade, vida no seu aspecto bio-físico-psíquico e transcendente.

A eucaristia não é simples celebração de memória de um gesto de Jesus. Celebrar a eucaristia é recordar fatos significativos da vida de Jesus de Nazaré que exigem uma atitude de partilha, compromisso com sua missão. Reunir-se em nome de Jesus, recordando e atualizando seu gesto de doação na vida e na cruz, potencializa-nos a partilhar a vida com os irmãos. Sua presença acontece na vida das pessoas, na mensagem do seu testamento de Amor, no Pão da Vida e no Vinho da salvação. Celebrar a eucaristia é sonhar o sonho de Jesus, pois o cosmo se faz presente e atuante nos seus sinais.

2.2. A mudança de cosmovisão

O homem da modernidade e do fim do milênio está carente da mística e da experiência de Deus. As grandes soluções econômicas¹⁶, os acertos políticos, os milagres da técnica e a revolução da informática responderam aos seus anseios mais profundos, mas até provocaram insatisfações e buscas nas diversas manifestações do Transcendente. Os sinais-sacramentos-mistérios cristãos são encontros pessoais com Deus para se conhecer e amar o revelado oculto no cotidiano. É preciso crer e encontrar respostas. A fé não é apenas aceitar as verdades e enunciados dogmáticos. A fé é algo divino, é dom de Deus que exige uma adesão pessoal que abrange a pessoa toda. A experiência de Deus vai além dos ritos, das religiões e dos seus dogmas.

Por isso urge perceber e discernir os sinais dos tempos que se manifestam nas culturas religiosas e nas diversas formas de experimentar a Deus. Deus se revela nas culturas, porém nenhuma cultura esgota ou limita a revelação divina. Podemos perceber as manifestações divinas em diversas formas das culturas latino-americanas onde a misericórdia, a bondade e a riqueza divinas emergem.

O neo-liberalismo econômico faz apologia das leis do mercado, supervalorizando o egoísmo e os poderes opressores. Os sinais divinos do cotidiano nos convocam para a dimensão comunitária da vida. Ser cristão é pertencer a uma nova comu-

16. A respeito desse tema; cf. M. Clara BINGEMER, (Coord.), *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo, Loyola, pp. 9-58.

17. Hugo Assmann, refletindo a fé a partir das leis de mercado, diz que o sistema não ouve o clamor dos pobres, porque sua base é a idolatria; cf. H. ASSMANN, *Clamor dos pobres e racionalidade econômica*. São Paulo, Paulinas, 1990.

18. Convém resgatar, aqui, a Teologia da Esperança, de Moltmann, que evidencia a Cruz como aparente fracasso em vista de uma realidade promissora que não é a morte e sim a vida. A teologia de Moltmann não se debruça sobre a tragédia como derradeiro momento, mas aponta para o futuro, a utopia, o concretizável nas mediações históricas; cf. J. MOLT-MANN, *Teologia da esperança*. São Paulo, Herder, 1971, pp.157-361.

19. A questão da inculturação da fé tem sido assunto mordente. Pensar a evangelização a partir das culturas foi um tema tratado em clima de tensão na Conferência de Santo Domingo. Pontos mais enfocados: as diversas culturas como manifestação do humano; a cultura da racionalidade tecnológica e a cultura dos pobres; a cultura que gera a vida e a cultura da morte; cf. n.º. 228-286.

20. Cf. J. SOBRINO, *Ressurreição da verdadeira Igreja*. São Paulo, Loyola, 1982.

nidade¹⁷, onde os valores estão no bem comum, na partilha e no crescimento de todos. A nova maneira de ser Igreja implica sonhar com a *koinonia* onde todos poderão ser um só Corpo e realizar o sonho da comunidade aramaica de Jerusalém: “*Todos os fiéis unidos tinham tudo em comum, vendiam as suas propriedades e os seus bens e dividiam o preço entre todos, segundo as necessidades de cada um*” (At 2,44).

2.3. O fracasso como parte da salvação

O grande desafio do cotidiano é a experiência do fracasso. É o paradoxo da modernidade que oferece milhões de oportunidades a alguns e o sofrimento para a maioria da população de nosso continente. Nosso continente latino-americano é profundamente religioso. A maioria diz-se católica e a maior parte vive na pobreza e no sofrimento. Há uma contradição entre uma Igreja organizada, com uma ortodoxia bem definida e regulamentada e o povo experimentando os fracassos da vida econômica, a alienação política e a não participação nos bens comuns. Jesus Cristo na cruz é loucura para os homens, mas sabedoria para Deus. Só a chave de leitura dos sofrimentos de Jesus nos ajuda a iluminar essa contradição de nossas comunidades¹⁸.

A morte de Jesus não é fracasso, mas valor de esperança, meta para a nossa transformação. O fermento do sofrimento é germe para a transformação da Igreja e para a sociedade. É preciso aprender com Jesus o sentido do poder-serviço em favor dos irmãos. É preciso atualizar sua morte, lançando desafios para a sociedade e tendo coragem de ser Igreja, uma nova maneira de viver a partir da práxis de Jesus que vem alimentar o dom da fé.

A nova criatura acontece no cotidiano. A justificação não pode ficar apenas nos debates teológicos; a redenção é a esperança de transformação num mundo mais justo e mais humano. A glória de Deus não é apenas uma realidade futura, mas exige compromisso real de viver a salvação nas nossas realidades.

O objeto da pregação do Evangelho, a Boa-Nova, deve ser anunciada a todos os homens e mulheres a partir de suas culturas. Eis o Mistério da Fé. Decifrar e viver os mistérios da vida a partir do Mistério de Deus, revelado de maneira anônima no universo, de forma histórica nas culturas humanas. Dentre as culturas humanas, Deus-amor se serviu da cultura semita para expressar suas categorias¹⁹. Em Jesus de Nazaré, Deus realiza o ponto de encontro entre a divindade e a humanidade. Jesus Cristo é o ápice dessa manifestação e nos deixou por vida, mensagem, práxis, morte e ressurreição a chave de leitura para vencer o cotidiano²⁰.

A comunidade-Igreja, através do Espírito do Ressuscitado, procura recordar (*Memória*) e atualizar (*Memorial*) os desígnios salvíficos de Deus. Esses sinais acontecem no cotidiano, principalmente nos sinais-sacramentais da origem e vivência dessa realidade.

Nossa vida diária revela praticamente nossa união com Deus e testemunha nosso compromisso com os irmãos. Não podemos ficar insensíveis às situações que vivemos. A decisão por Jesus Cristo implica atitudes de anúncio-denúncia e convocação na sociedade. Anúncio de que Nosso Deus é Amor-misericórdia que está preocupado com a situação de seus filhos. Denúncia contra os falsos profetas e doutores que não querem ver a realidade gritante de nossa sociedade e que em nome da lei, da tradição e do pseudo-moralismo não vêem os desvios e pecados. Convoça a todos para sonhar com o Reino de Justiça. Verdade, Amor e Graça pregado por Jesus Cristo. Reino esse que não se identifica com determinada cultura, com certo modo de pensar universal e abstrato, esquecendo a realidade do cotidiano. Eis a sabedoria, o Mistério, as profundezas de Deus!

CONCLUSÃO

Contemplando a magia do cotidiano, podemos perceber que há, muitas vezes, uma distância enorme entre a SABEDORIA DIVINA (σωφία τοῦ Θεοῦ), como projeto ou desígnio salvífico para os homens e mulheres, e a nossa experiência concreta, repleta de contradições e ambigüidades. Resta-nos a pergunta: é possível viver o Mistério de Deus hoje no mundo moderno? Existem pessoas que acreditam e procuram viver essa realidade?

É claro que existem pessoas que acreditam e vivem essa magia do cotidiano²¹. Basta olhar os inúmeros testemunhos de homens e mulheres, jovens e crianças que, vivendo numa sociedade de egoísmo e de cobranças em todas as escalas, são verdadeiras luzes ante as trevas. Conscientes de sua limitação e de sua finitude conseguem transcender às barreiras das sombras, anunciando e fazendo emergir a esperança, brotada da fé e da mística.

Esses cristãos — muitos anônimos como dizia Rahner — conseguem “saborear” a beleza da vida, descobrindo a magia do cotidiano, fazendo dele um ritual celebrado na certeza da Ressurreição. O cristianismo não é uma visão pessimista do mundo, mas a capacidade de se viver o mundo de maneira criativa. A espiritualidade centrada no seguimento de Jesus nos dá a capacidade de vencer as ambigüidades da vida e anteciper a utopia da *koinonia* de Jesus Cristo. O encontro pessoal com Cristo-ressuscitado através de sinais de nossa vida nos permite o discernimento dos fatos da vida e a coragem para a loucura da Cruz.

21. Nesses últimos anos, a teologia tem buscado outras mediações, para compreender melhor o fenômeno do sagrado e a cosmovisão que daí se configura. A racionalidade metafísica acabou ofuscando o Numinoso, a sedução, a compaixão, a magia, realidades antropológicas dimensionadas para o Transcendente. A respeito disso, é imprescindível conhecer o pensamento de Rubem Alves, teólogo-poeta, que encontrou na dialética do cotidiano o sabor da fé. Cf. R. ALVES, *O suspiro dos oprimidos*. São Paulo, Paulinas, 1984; Veja também, do mesmo autor: *Variações sobre a vida e a morte*. São Paulo, Paulinas, 1982, principalmente *A Magia da palavra*, pp. 73-89.

Ser cristão é buscar o Reino de Deus e não apenas a expansão de um “reinado” de uma cultura. Não podemos confundir, por exemplo, cristianismo com imposição de culturas, de religião ou com sistemas de domínio de pensamentos e ideologias filosófico-teológicas. A expressão da fé, partindo da experiência de Deus, vivida por pessoas ou por comunidades determinadas, se expressa como um processo que articula sua realidade humana na busca do sonho de Jesus. Esse sonho se torna comum, e quando as pessoas sonham juntas, tudo se torna realidade.

A experiência de Jesus é uma luz de otimismo e de esperança no mundo de hoje. Essa prática experiencial se torna uma realidade que descobre no cotidiano a magia da Alegria, da Paz e da verdadeira Festa da Vida. O ser humano precisa saber conviver com os conflitos, buscando a força das soluções no Transcendente, tendo consciência de sua limitação. A festa da vida acontece para quem sabe ver o invisível e o oculto da vida. A loucura da cruz ajuda a demonstrar que o Deus de Jesus é o Deus da vida²². Ele não quer a morte em si mesma, todavia sem ela não há Vida Nova.

A verdadeira Sabedoria consiste, pois, em viver a plenitude da vida, acreditando na utopia do Reino, fazendo-o acontecer no nosso cotidiano. O grande Mistério que revela as profundezas de Deus nos mostra que a capacidade de amar do ser humano é o grande potencial da transformação da humanidade. Essa metamorfose se realiza quando o ser humano vive sua dimensão de passagem, de páscoa, de êxodo, buscando sua força no Cristo-Ressuscitado.

22. A espiritualidade da libertação passa pela vida, pela sobrevivência, a luta do cotidiano, com dor e emoção, suor, cansaço e alegria. Tem sua raiz no seguimento de Jesus, cuja Mística é o REINO, realidade histórica e escatológica, onde a gratuidade resgata a dignidade das pessoas. Cfr. a importante obra de SOBRINO, J., *Jesus, o libertador*. Petrópolis, Vozes, 1994.

BIBLIOGRAFIA:

- BARBAGLIO, G.: *1-2 Coríntios*. (Pequeno comentário bíblico NT). São Paulo, Paulinas, 1993.
- BORNKAMM: *Mystérion*. Em GLNT VII, pp. 645-718.
- DODD, C.D.: *A mensagem de São Paulo para o homem de hoje*. São Paulo, Paulinas, 1979.
- EICHHOLZ, G.: *La teologia di Paolo*. Le grande linee. Bologna, Queriniana, 1977.
- FITZMYER, J.: *Linhas fundamentais da teologia paulina*. São Paulo, Paulinas, 1970.
- HOLZNER, J.: *Paul de Tarse*. Paris, 1950.
- KASEL, O., *De philosophorum graecorum silentio mystico*. Giessen, 1919.
- PRÜMM, K.; KNILKCA, J.; WARNACH, V.; NEUHHEUSER, B.: *Mysterium, Mysterien, Mysterientheologie*. Em LTK 7 (1962, col. 717-731).

QUESNEL, M.: *As epístolas aos Coríntios*, São Paulo, Paulinas, 1983.

RIGAUX, B.: *Saint Paul et ses Lettres*. Paris, Desclée de Brouwer, 1962.

SEIDENSTCKER, Ph.: *Paulus. Der Verfolgte Apostel Jesu Christi*. (Suttgarter Bibel-Studien). Stuttgart, 1965.

Antonio Carlos Oliveira Sousa CSSR
Professor de Teologia Sacramentária
Instituto Teológico São Paulo; PUCAMP, Campinas, SP